

Expectativas do Mercado

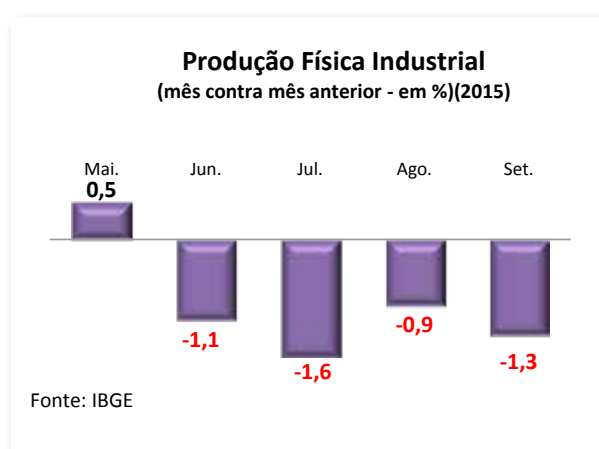
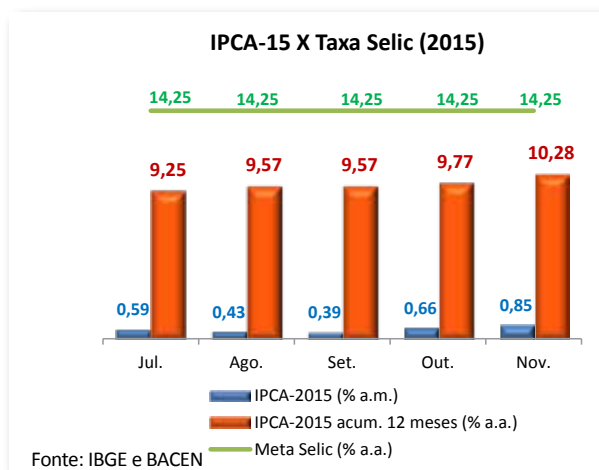
O Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos registrou crescimento anualizado de 1,5% no terceiro trimestre deste ano, segundo o Departamento de Comércio do país, perdendo força em relação ao segundo trimestre, quando a alta foi de 3,9%. O crescimento de 1,5% foi puxado pela demanda dos consumidores (+3,2%), que continua firme, e reforça a expectativa de o Banco Central Americano (FED, do inglês Federal Reserve System) elevar a taxa de juros em dezembro.

O PIB da Zona do Euro (ZE), por sua vez, apresentou alta de apenas 0,3% no terceiro trimestre de 2015, frustrando expectativas do mercado, que esperava alta de 0,4%. O destaque ficou com a Espanha (quarta maior economia do bloco), cujo PIB cresceu 0,8%. Já o PIB da Alemanha (maior economia do bloco e muito dependente das exportações) registrou alta de 0,3% e vem sendo prejudicado pela menor demanda da China.

Como informado no último boletim, nº 46, o crescimento do PIB chinês, no terceiro trimestre deste ano, foi de 6,9%. O Banco Mundial acredita que, “a China tem colchões e ferramentas políticas suficientes para lidar com o risco de uma desaceleração mais acentuada” e afirma que “reformas na China devem apoiar o reequilíbrio da demanda local do investimento para o consumo”. Segundo a instituição, a China deve crescer 7,0%, em 2015, e 6,7%, em 2016.

No Brasil, as expectativas dos analistas financeiros pioram a cada semana, devido às dificuldades que o governo tem enfrentado para aprovar e implementar as medidas de ajuste fiscal e as reformas econômicas necessárias para a retomada do crescimento e, conseqüentemente, dos investimentos. Com isso, o ajuste previsto pelo governo deve se prolongar, impactando negativamente também o ano de 2016.

Assim, as projeções para 2015, constantes no Boletim Focus, de 20 de novembro de 2015, do Banco Central do Brasil (BCB), são de retração ainda maior do PIB (-3,15%) e inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), podendo chegar a dois dígitos (10,33%), com a taxa básica de juros (Selic) permanecendo em 14,25%. Já a taxa de câmbio deve fechar este ano próxima a R\$ 4,00 por dólar e situar-se acima desse valor nos anos seguintes.



Expectativas do mercado

	Unidade de medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-3,15	-2,01	1,00	1,9	2,00
IPCA	% a.a. no ano	10,33	6,64	5,10	5,00	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	13,75	11,50	10,50	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,95	4,20	4,11	4,16	4,21

Fonte: Banco Central do Brasil – Boletim Focus (20/11/2015).

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

- Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;
- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios – relatórios especiais por Unidade da Federação (UF).

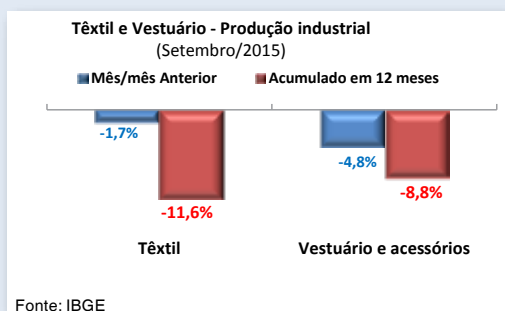
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

O volume de vendas do comércio varejista, em setembro, recuou 0,5% frente ao mês anterior (oitavo resultado negativo seguido), enquanto a receita nominal ficou praticamente estável (+0,1%), feito o ajuste sazonal. Em relação à setembro de 2014, a queda no volume de vendas foi ainda maior (-6,2%), enquanto a receita nominal registrou elevação de 1,8% (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula queda de 3,3%, e a receita nominal alta de 3,5% em relação ao mesmo período de 2014. O segmento de móveis e eletrodomésticos e de livros, jornais, revistas e papelaria são os que mais contribuíram para a queda observada no acumulado deste ano, no volume de vendas do varejo (-13% e -9,7%, respectivamente). O desempenho do setor tem refletido redução do poder aquisitivo da população – com o aumento do desemprego, das taxas de juros, da inflação –, redução da renda e restrição ao crédito.

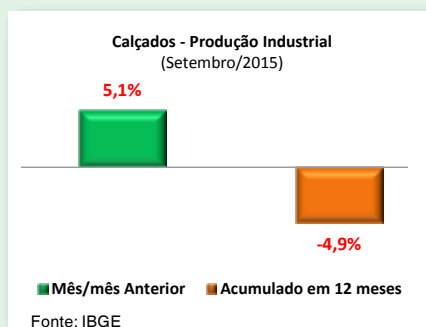
Têxtil e Vestuário



Em setembro, a produção da indústria têxtil registrou queda de 1,7% e a de vestuário e acessórios, de 4,8%, sobre o mês anterior. Nos últimos 12 meses, a produção de têxteis acumula queda de 11,6% e a de vestuários, de 8,8%. De janeiro a outubro deste ano, as exportações de vestuário e acessórios diminuíram 13,3% frente às de 2014, e as importações 4,8%. Assim, a balança comercial desse segmento acumulou saldo negativo de US\$ 2,3 bilhões nos dez primeiros meses do ano. O setor tem sofrido com o encarecimento dos custos de produção, podendo-se destacar a energia elétrica e a tributação, além da concorrência com os chineses, o que tem levado os empresários do setor a mudar de estratégias para manter suas atividades.

Calçados

A produção brasileira de calçados apresentou alta de 5,1% em setembro sobre o mês anterior, mas acumulou retração de 4,9% nos últimos 12 meses. O saldo da balança comercial do setor, de janeiro a outubro, ficou em US\$ 322,4 milhões, com as exportações atingindo US\$ 766 milhões, 12,4% menor do que a registrada em igual período de 2014, apesar do câmbio favorável. Os Estados Unidos continuam como principal destino, respondendo por 19,4% do total exportado em dólares. A indústria calçadista, que exporta cerca de 15% de sua produção, deve sofrer as consequências das medidas de ajuste fiscal – houve antecipação da redução da alíquota do Reintegra para dez./2015.

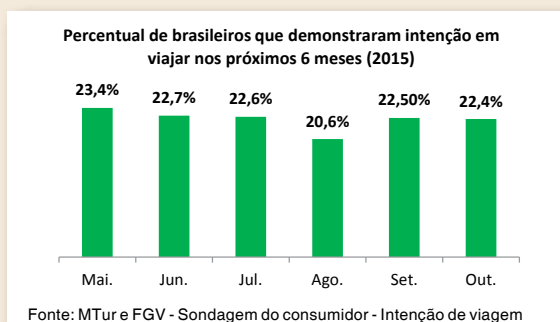


Móveis

A fabricação de móveis aumentou 4,6% em setembro frente ao mês anterior, mas acumula retração de 11,6% em 2015. Considerando que o cenário econômico se mantém desfavorável a investimentos, em função, por exemplo, das elevadas taxas de juros e restrições ao crédito, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. O setor também vem apresentando resultados negativos no mercado externo, acumulando, neste ano, déficit de US\$ 141,7 milhões no saldo comercial até outubro. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela taxa de câmbio acima de R\$ 3,50/dólar nos próximos meses, podendo minimizar o impacto da retração do setor do mercado doméstico.

Turismo

Segundo a “Sondagem do consumidor: intenção de viagem”, do MTur, em outubro/2015, 22,4% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em out./2014 eram 31,6%), sendo que 84,1% deles preferem viajar dentro do país. A desvalorização cambial certamente é o principal fator motivador desse resultado. Hotéis e pousadas continuam como primeira opção dos que pretendem fazer turismo interno (46,8%). O atual cenário econômico também tem influenciado a preferência em relação ao meio de locomoção utilizado para viajar: em função do alto preço das passagens aéreas, a preferência pelo automóvel tem aumentado, passando de 30% (out./2014) para 33% dos turistas internos. Em seguida estão os ônibus, que contam com a preferência de 11,8% dos turistas brasileiros.



Artigo do mês

O acesso ao crédito na perspectiva das instituições financeiras

Kennyston Lago

(Doutor pela UnB e analista da UGE do Sebrae/NA)

Segundo relatório da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2014, o acesso a recursos financeiros é um dos maiores obstáculos para abertura e sobrevivência dos pequenos negócios no Brasil. Em uma pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae/SP), o acesso ao crédito foi também apontado como sendo uma das principais dificuldades enfrentadas pelos empreendedores.

Tendo em vista que, sob a ótica dos empreendedores brasileiros, a percepção de dificuldade no acesso ao crédito é inegável, duas pesquisas, uma realizada pelo Sebrae/NA e outra pelo Sebrae/SP, destacam-se por buscar conhecer o “outro lado da moeda”. As duas pesquisas tiveram como objetivo conhecer a percepção das instituições financeiras sobre o assunto, investigar, na visão do ofertante, o cenário do crédito para os pequenos negócios.

De forma geral, o relato dos funcionários das instituições financeiras evidencia que, no entendimento deles, não há dificuldades na concessão de crédito para os pequenos negócios. Em princípio, esse resultado parece contradizer a experiência relatada pelos donos de pequenos negócios, mas uma análise mais cuidadosa evidencia que, quando os representantes das instituições financeiras relatam não haver dificuldades, isso está baseado na percepção que todas as dificuldades existentes são provenientes dos empresários, e não das instituições financeiras.

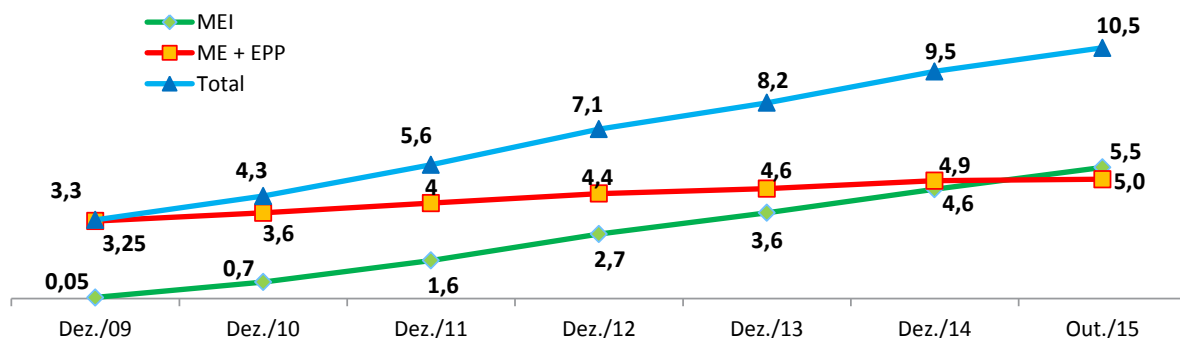
A análise do conteúdo das entrevistas revela ainda que as organizações financeiras não percebem, ou não conseguem identificar, o que pode ser feito por elas no sentido de melhorar o processo de concessão de crédito. Entendem que essa missão é exclusiva do Sebrae, que deve capacitar os empresários para que estes cheguem às instituições financeiras em condições mais favoráveis para obterem crédito.

A pesquisa também evidenciou que mesmo nos casos em que há empenho por parte dos gerentes em conceder o crédito, a forma como está estruturado o processo de análise de risco, que hoje é essencialmente determinado por sistemas informatizados, limita o poder de decisão deles. Tais sistemas, além de limitarem o poder de decisão dos gerentes, como dito, têm regras que não são conhecidas. Por conta disso, muitas vezes os gerentes fazem uso do método de tentativa e erro para encontrar uma condição em que consigam a aprovação do crédito. Entre tais métodos, podemos citar a já conhecida estratégia de conceder crédito para pessoa física em vez de conceder para pessoa jurídica.

Isso nos leva a uma reflexão importante: se entendemos que esse é o papel que cabe às nossas instituições financeiras, no que tange ao apoio creditício aos pequenos negócios no Brasil, esses resultados mostram que não há muito a ser feito. Agora, se entendemos que as organizações financeiras devem melhorar o apoio dado aos nossos empresários, então há muito trabalho a ser feito.

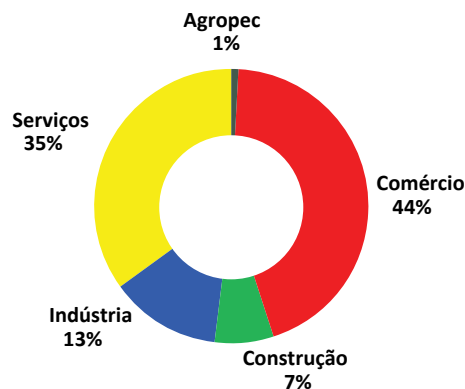
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

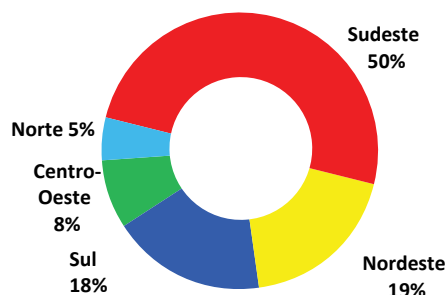


Fonte: Receita Federal do Brasil (RFB).

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal do Brasil (RFB) – março/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos pequenos negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27,0	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais/MTE
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais/MTE
No total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os pequenos negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	Pnad/IBGE
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	Pnad/IBGE
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	Rais/MTE
Remuneração média real nas MPes	2013	R\$ 1.485,00	Rais/MTE
Massa de salário real dos empregados nas MPes	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais/MTE
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:
1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEIs.
3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.